

ASSOCIAÇÃO JUNDIAIENSE DE PAIS E AMIGOS DOS EXCEPCIONAIS. //

O Problema dos excepcionais. // Jundiaí, SP.;

1962. // 9f. // mimeogr.

330 V B110

et

uru

I. ENFELDT, Ignaz A. de Oliveira e Silva

~~CEGO / BLIND~~

~~F. 10.220~~

Gr do Excepcionais

"A voz que educa a criança é a voz de comando do mundo"  
Este é o conselho, de ordem e de confiança, que faz o educador e Governador Prof. Carvalho Pinto. No seu "Plano de Ação", o Prof. Carvalho Pinto não se esqueceu da criança, antes a colocou em primeiro lugar.

A nós, professores, principalmente, está afeta a difícil tarefa de educar. E para bem educar é preciso conhecer a criança, amá-la, compreendê-la. E entre tantas criaturas a nós confiadas vamos conhecê-las, estudar a sua personalidade, e certamente vamos encontrar as deficientes.

Via de regra chamamos anormais a todos os seres com os quais não sabemos lidar com conhecimento de causa. Esse não é o conceito justo de anormalidade. Para se ter o conceito da anormalidade é preciso que se saiba qual o conceito da normalidade. Alfred Binet e Simon criaram provas que permitem diagnosticar o nível de desenvolvimento normal, do qual as aberrações são a anormalidade. Outros testes surgiram e ao psicologista está afeto esse exame, no qual se busca determinar a posição do indivíduo perante os de seu grupo. Ao critério psicológico, urge juntar os critérios médico, educativo, social - para uma determinação exata do grau provável de anormalidade ou de normalidade.

Depois do exame psicológico é preciso verificar então o comportamento da criança para diagnose das variações qualitativas, sobretudo da natureza do problema específico: si é tímida, si roe unhas, chupa os dedos, si mente, revelando-se neurótica, etc. Às vezes a criança é tida como débil e <sup>após</sup> a psicanálise revela-se psicótica. Destroe tudo que alcança; fere, agride, revela-se delinquente. Comete ações erradas, principalmente delitos sexuais. São as pervertidas.

Grande parte das crianças não maternizadas propendem à psicose e à perversão. As crianças abandonadas pelos pais muitas vezes se revelam delinquentes.

A etiologia do crime prova que os criminosos, via de re

gra, em sua maioria, foram crianças abandonadas ou órfãs.

De tôdas as crianças enumeradas, o presente trabalho se ocupa das anormais que urge orientar, cuidar, e, mesmo curar. Entre outras razões, pela necessidade de um diagnóstico precoce, a fim de que não sofram elas atrazo educativo mais sério por serem colocadas entre as normais, com evidente perda de tempo, esforço e dinheiro - sem contar a perda irreparável de momento educativo, isto é, do momento em que a criança ainda é educável.

O lar

É necessário conhecer o ambiente em que a criança vive.

Os pais se submeteram ao exame pré-nupcial? A criança foi desejada? A mãe teve doenças durante a gestão? Como foi o parto? Quais foram as primeiras reações da criança? Qual é o seu desenvolvimento? Teve febres? Consultões? Como vivem os pais? Brigam? Vivem em paz? Que constelação familiar existe e como a criança aí se situa e como reage à constelação?

Dos cursos de psicologia da brilhante educadora dra. Noemi Silveira Rudolfer guardamos conselhos que nos orientam na jornada vitoriosa da entidade que surgiu - Associação Jundiáense de Pais e Amigos dos Excepcionais. É essa educadora que pergunta: Qual é o melhor ambiente ao bom desenvolvimento das diversas vivências em idades tão diferentes e importantes?

A resposta é: a Família.

Precisamos, por isso, primeiro, estudar a família psiquica e antropológicamente.

Certas doutrinas quizeram prescindir da família como núcleo social básico. Felizmente caíram por terra, por falência da medida e por falta de base e de argumentação propícia e favorável.

A família tem a desempenhar varios papéis, que vamos analisar e estudar.

- 1º) - O papel antropológico (A família perante os padrões de cultura).
- 2º) - O Papel social.
- 3º) - O papel das estruturas.
- 4º) - O papel das inter relações ou funções.

5º) - O papel na formação da personalidade.

6º) - Vivências e valências típicas na família brasileira.

"A família é a essência da sociedade, e não há notícias de uma sociedade que não se estruture na família (Malinowsky)."

Não há grupos sociais que não tenham como essência a sociedade formada pela união do homem e da mulher, inicialmente biológica, e que mantém a continuidade social através da prole. A prole continuará o grupo social. A família mantém os padrões culturais satisfatórios e fornece as oportunidades para a aprendizagem - dêsses padrões de cultura do grupo. O bem ou o mal, o certo ou o errado são guardados pela família que os propaga para a sua sobrevivência. Os exemplos também são seguidos, certos ou errados. Logo, é a mantenedora da estrutura ética.

A família deve ser e realmente o é - uma sociedade organizada, de início pela união de um homem e de uma mulher que se amam e se escolhem, e garantem a continuidade social através da prole. É um agente conservantista, porque visa manter os padrões de cultura que se revelavam eficientes no correr do tempo. Tende a - propagar, no tempo e no espaço, tudo aquilo que é socialmente aprovado como usos, costumes, hábitos, códigos de moral, etc.

Sem família não haverá continuidade social, que é mantida pela prole que ela forma. Na sociedade em que a família não é levada na devida conta, a base da estrutura social é fraca e a prole não lhe pertence, há um desequilíbrio na continuidade social e enfraquece-se o núcleo social. A única forma de garantir a continuidade social de um grupo é garantir e manter a prole junto dos pais pelo menos até o fim da infância (6 anos, mais ou menos).

Crianças que não tiveram a segurança efetiva da família, que não tiveram as relações fundamentais com os pais ou cujas relações não tiveram as primeiras manifestações de afeto, tornam-se - com facilidade delinqüentes ou pervertidas potenciais, neuróticas ou psicóticas.

Hoje, felizmente, procura-se fazer dos abrigos de crianças desamparadas verdadeiros lares, com tôdas as bases constituídas do lar, à semelhança de uma família verdadeira, porque é bem verda

de que se um agente educativo substitui a família, deve ser estruturada como a família. Mas, na realidade, nenhuma deveria substituí-la, de tão grande significação é o seu papel na organização da personalidade infantil.

Por falta de afeto, é comum hoje, infelizmente, a rutura do vínculo matrimonial. O desquite causa alarme. A dissolução do vínculo matrimonial pelo desquite é um verdadeiro cancro da sociedade brasileira. Quando há rutura do vínculo matrimonial, a prole propende à má saúde mental. Pais que brigam muito formam nos filhos personalidades deformadas. Observou-se que, com muita frequência, os psicóticos, neuróticos, delinquentes, etc., provém de pais desunidos e não de pais que se amam e se dignificam como eu já afirmei aí atrás.

A tarefa educativa torna-se frustradora diante de pais tão pobres de senso de responsabilidade.

A família, que é onde se dão as vivências primárias - aí se aprende a receber, a dar, a competir, a amar, a definir o sexo psicológico - por isso a família desempenha um papel básico na formação da personalidade. Pouco podem fazer outras agências educativas, si a base que é a família é falha.

A família brasileira está doente e gravemente ameaçada. Atualmente, para ingresso nas várias funções são exigidos diplomas, atestados de competência. E para construir família, o que se exige? Nada. Absolutamente nada! Para a constituição de uma boa família e para garantir uma prole saudável, a parte mais importante de uma sociedade com pouca probabilidade de surgirem neuróticos, psicóticos, desajustados, débeis, não se exige coisa alguma! O menor cuja família se desintegra, vive abandonado. Só é atendido quando transgride as leis!

É preciso trabalhar muito, hoje mais do que nunca, pela reestruturação da família brasileira.

Conhecendo os problemas, ou procurando conhecê-los, deve existir uma grande preocupação em evitá-los e solucioná-los. É preciso que se formem sociedades de higiene mental com clínicas para casais, noivos. É preciso orientá-los, para manter o laço matrimo-

25  
nial afetivo que os une. Orientá-los sôbre os filhos, desde a in-  
cunção até a educação dêles. Mas, não basta porque êles também  
estão a sofrer a influência da

### Sociedade

É preciso educar a sociedade para atenter ao retardado.

Esclarecimento pela imprensa, rádio, televisão, palestras,  
tudo para levar ao conhecimento da sociedade o dever de RESPEITO -  
ao excepcional que lhe devemos. Aproveitar tôdas as oportunidades  
que se nos oferecem para educar a sociedade, fazendo-a respeitar-  
os menos dotados. É uma pena, um crime, aproveitar-se de um infe-  
liz para prejudicá-lo. Há um excepcional, em nossa cidade, cuja -  
família teve que interná-lo numa casa de saúde. O rapaz aparecia  
na rua, a passeio, limpo, bem tratado e voltava assustado, apavora-  
do, chorando porque lhe haviam colocado fogo das mais variadas es-  
pécies num dos bolsos da roupa. Outro, foi internado em Franco da  
Rocha porque se tornou um revoltado. Não lhe davam sossêgo. E são  
os mentalmente sadios que cometem êsse crime revoltante. E a tal  
ponto que mais de uma vez o menor antes do internamento, foi en-  
contrado completamente despido, abandonado, com marcas de surras.

Ignorância completa atesta êsse tratamento dos que se  
julgam mentalmente sadios e cometem crime como êsses contra os de-  
sajustados. Uma selvageria!

A educação da sociedade deve começar pelas escolas pri-  
márias em primeiro lugar. Façamos um apêlo aos srs. Delegados de  
Ensino para que incluam sempre em suas circulares um tópico sôbre  
o problema do menor excepcional. Para que os professôres saibam -  
cedo diagnosticar o atrazo e, respeitando a deficiência, saibam -  
tratá-la.

Chamo a atenção dos clubes de senhoras daqui, como "Ro-  
da Amiga", Clube da Lady, Comissão de Senhoras do Grêmio C.P., as  
quais muito têm feito pelos desamparados. Providenciem a criação  
de escolas para preparação ao casamento. Por êsse meio poderemos  
cuidar dos excepcionais e assim também em alguns casos, diminuir  
a incidência de novos.

Se a educação do lar é a base, não há substituto, no en-  
tanto, para ela. Cabe à Assistência Social verificar o ambiente -

em que a criança vive. É a criança mimada? Portadora de deficiência, é atendida ou negligenciada?

A Escola

No problema educacional do excepcional, é preciso, muitas vezes, educar também pai e mãe, se não, nada se conseguirá fazer, porque a tarefa escolar tem que continuar pela ação familiar.

Entretanto, na sala de aula, por sua vez, a professora ajuda a descobrir os excepcionais, propõe a inclusão do mesmo em classes especiais, segue-lhe o tratamento apropriado e colabora no estudo do nível do desenvolvimento geral, de adaptação social, e saber se a criança é incapaz de adaptação frutífera a seus semelhantes e de responder pela própria manutenção, se é ainda incapaz de definir alvos e de persegui-los. Para isso, o professor comum - ainda que não lhe caiba educar o atraso - deve estar bem informado porque ele deve saber até que ponto a criança que não aprende, a rebelde, a passiva, a que furta, a que tem desvios sexuais é ou não um caso para tratamento especial. Nas classes comuns o aluno é observado pelo psicologista e pelo professor. O tratamento especializado virá depois para as crianças que dêle carecerem, mas o diagnóstico pode ser encaminhado pelo professor primário, sobretudo pela escassez de psicologistas.

A prova de eficiência do tratamento só é dada pelo terapêutico. Assim a assistência à criança excepcional por atraso deve ir à família, às escolas comuns ou trabalho ou, se necessário, a institutos especiais, onde a criança portadora de debilidade mental profunda deverá ser tratada.

Porque surgiu a AJPAE

Impressões que colhemos na infância, de retardados que perambulavam pelas ruas da cidade, depois, mais tarde, já no Magistério Primário, sempre encontrando retardados nas classes comuns, acabaram por me convencer que só paciência não resolvia o problema. Era preciso ação e trabalho especializado e de equipe. Foi quando pela Imprensa do Rio (Correio da Manhã) tomamos conhecimento da existência da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, no instante em que em São Paulo se esboçava um movimento de amparo educacional à criança retardada. Em 1957, reunida uma plêiade de pessoas de boa vontade, na Sucursal de "A Gazeta", gentilmente cedida, fundavamos a Associação Jundiaense de Pais e Amigos dos Excepcionais para crianças retardadas educáveis. Preenchemos um formulário dirigido a diretores dos educandários da cidade para um levantamento do número de crianças necessitadas de classes para excepcionais. E providenciamos o exame de duas centenas de crianças, tôdas com deficiências. Conseguimos, então, a formação de duas professoras e depois a criação de duas classes especiais junto ao G.E. "Cel. Siqueira Morais", sob a orientação do Serviço de Higiêne Mental Escolar. Verificamos



no entanto, na prática, que a AJPAE deveria ter vida própria, considerando ser o trabalho da entidade somente tarefa de solidariedade humana, sem fins lucrativos, sem perceberem os seus Diretores qualquer remuneração. E mais: que uma organização dêse gênero não pode funcionar sem oficina pedagógica. Esta, a AJPAE instalava a 13 de junho de 1959, bem equipada. Podíamos, assim, caminhar rumo ao objetivo certo.

Cercamos a obra de técnicos, tendo à frente a dra. Noemi da Silveira Rudolfer, psico-pedagoga Olívia Pereira, psicologista Arlindo D. Cunha. De assistência médica e de laboratório. Um caso de operação de olhos no Instituto Penido Burnier - gracioso - constituiu-se na recuperação da visão de um menor. Outro, que nunca teve tratamento, recuperou a audição, tratamento gracioso do especialista dr. Cid Ognibene, que se colocou à disposição da entidade a exemplo do Instituto Penido Burnier de Campinas.

O médico Célio Ciari colocou-se à disposição para clínica geral e o Laboratório "Oswaldo Cruz", do sr. Geraldo Machado, fez todos os exames de laboratório como oferta à entidade, colaborando ainda o Centro de Saúde e o Dispensário da Tuberculose do Estado.

Um fichário completo dos alunos, desde pesquisas junto às famílias, constituiu-se num dos grandes estudos da Associação nos seus cinco anos de existência.

Duas educadoras próprias fizeram cursos, uma no Rio e outra em São Paulo. Uma funcionária fez estágio no Lar-Escola São Francisco, em vime e encadernação. Alimentação diária, constituída de um lanche, medicamentos e cooperação às famílias mais necessitadas de alunos, é outra tarefa que realizamos.

Falta-nos um psiquiatra para completar êsse trabalho em que Jundiaí é pioneira no Estado de São Paulo. E falta-nos agora instalações amplas e mais técnicos.

O imóvel doado pelo Estado, de 1.750 metros quadrados, em Vila Arens, permitirá vencer a situação quanto a instalações, ficando por resolver aquela que é também grave: falta de técnicos.

#### Pais que não compreendem

A mera educação do atrasado mental-criança não basta. É preciso garantir-lhe a adaptação social num momento em que as condições culturais constituem obstáculo sério à eficiência de viver do atrasado.

A Oficina Pedagógica "Santo Antônio", da Associação, foi porisso criada para preparar rapazes, dando-se-lhes uma profissão de cente, mas de cunho protegido.

Perguntamos nesta oportunidade aos senhores pais que não querem aceitar a situação de que seus filhos, uma vez que não se alfabetizem, aprendem, no entanto, uma profissão útil: por que fogem à realidade do problema? Que atitude tomar? Deixar o filho abandonado,

sem aptidões, ou enfrentar o problema, conosco, e fazê-lo frequentar uma oficina pedagógica para mais tarde trabalhar em uma oficina protegida? Nesta, êle terá o ganha-pão de cada dia e sua vida normal, vivendo com suas aptidões.

A criança usa muito as mãos? É preciso arranjar-lhe serviço de sapateiro, por exemplo. Com o lucro do seu trabalho, toma uma personalidade mais desenvolvida.

Observar o excepcional, aproveitar as suas tendências positivas, eis as necessidades.

José tem 23 anos de idade mas idade mental de 4. Gosta de serrar. Vamos aproveitá-lo, encaminhando-o para marceneiro. Maria gosta de lidar com fios. Fará cestas de macramê, etc. e ganhará dinheiro com êsse trabalho e terá uma atividade útil à sociedade.

Em Leeds, Inglaterra, há setenta anos existem oficinas protegidas. Até lavanderias são mantidas por tal organização. E os retardados são seres úteis e formam seus lares normalmente.

#### Necessidade de professores mais habilitados

Precisamos de professores mais habilitados, psicólogos - com mais tempo para maior dedicação, foniatras, fisioterapeutas, recreacionistas, etc.

O que se exige do pessoal capacitado para cuidar da educação do excepcional:

- 1 - Esquecimento de si mesmo;
- 2 - Um pouco de finura psicológica, de tacto;
- 3 - Renúncia;
- 4 - Muito amor desinteressado;
- 5 - Capacidade pessoal de reflexão e de atenção;
- 6 - Equilíbrio integral, para que não projete sôbre os educandos seus próprios problemas pessoais;
- 7 - Capacidade para descobrir e compreender sentimentos de inferioridade, de insatisfação, de ciúmes, de angústias, - que quase sempre estão na origem de má conduta ou de um comportamento difícil.

Muitas fadigas, muitos aborrecimentos, punições infelizes seriam evitados se o educador fôsse capaz de encorajar, verdadeira - mente, com paciência, bom senso e sobretudo desinteressadamente, em lugar de punir simplesmente, e de exigir de modo inadequado.

Comos os pais, o educador deve ser fator de harmonia psicológica e de um sentimento de segurança absolutamente necessários ao bom desenvolvimento psíquico da pessoa humana em formação.

Tantos são os problemas, tantas as dificuldades e ninguém tem nada com ninguém que começa a se esboçar um movimento gerado das próprias dificuldades. Fundam-se Associações de Pais e Amigos dos Excepcionais. Unem-se. Discutem já a formação de uma Federação. Então irão às Câmaras dos Municípios, dos Estados, da União, ao Senado. Ião demonstrar que verbas devem ser destinadas para enfrentar sèria-

mente o problema que se agrava cada vez que mais cresce o poderio industrial do País. Maiores vencimentos para o professor especializado, ampliação de cursos para êsse campo da educação, demonstrando que ao retardado deve ser dado um lugar na sociedade, onde até hoje êle está abandonado.

Bolsas de estudos, nesse campo, só devem ser permitidas à educadores que, pelo menos, cinco anos, se dediquem ao campo dessa especialização. Nunca permitir comissionamentos e bolsas de estudos para especialização em educação do excepcional a quem nada oferece para a recuperação da criança retardada, mormente quando faltam técnicos.

Industriais e comerciantes, dêem um lugar ao menor abandonado. Amparado com um trabalho, sobretudo se protegido, êle deixará de constituir um problema para a sociedade. Ao excepcional confiem trabalhos nas Oficinas Protegidas. Estas funcionam junto às APAE com pessoal especializado e podem, perfeitamente, como ocorre no Lar-Escola São Francisco, contratar certos trabalhos em que as Emprêsas também se beneficiam e, além disso, uma solução está sendo dada ao problema do excepcional.

As Oficinas Protegidas poderão garantir o ganha-pão do excepcional se os srs. Industriais e srs. Comerciantes de visão a elas confiar trabalhos que serão realizados, com ou sem fiscalização, conforme a natureza da tarefa e o nível do atraso individual.

Governadores e governados: dêem um lugar ao sol ao retardado.

IGNEZ A.O.S. ENFELDT,

Supervisora da Associação Jundiaense de Pais e Amigos dos Excepcionais.

\* \* \*

#### BIBLIOGRAFIA:

- 1) - As sanções e a reeducação - Prof. José Gomes Caetano - Supervisor psico-pedagógico do Serviço Social de Menores.
- 2) - Estudos: Nascimento até a Velhice - Prof. Dra. Noemí Silveira Rudolfer.
- 3) - A atitude do clínico em face da Criança retardada e de sua família - Dr. Léo Kanner e Dr. Reynold A. Jensen.

\* \* \*

Jundiaí, 14 de ABRIL de 1962